

Psicologia Transpessoal e a Espiritualidade

Transpersonal Psychology and Spirituality

Psicología Transpersonal y Espiritualidad

*Manoel José Pereira Simão**

RESUMO: O presente artigo destaca como episódio importante na história da psicologia o fato de já ter ela nascido justamente com o intuito de refletir o homem e seus anseios, seu comportamento, quem ele é e de onde ele vem. E para que isso pudesse ter um teor mais amplo, para que pudesse servir como base de acesso a um número maior de pessoas, nesse percurso da psicologia desde a Grécia, a Idade Média, ela, no final do século XIX, se separa da filosofia. A Psicologia é a ciência dos fenômenos psíquicos e do comportamento. Entende-se por comportamento uma estrutura vivencial interna que se manifesta na conduta. A teoria psicológica tem caráter interdisciplinar por sua íntima conexão com as ciências biológicas e sociais e por recorrer, cada vez mais, a metodologias estatísticas, matemáticas e informáticas. Não existe, contudo, uma só teoria psicológica, mas sim uma multiplicidade de enfoques, correntes, escolas, paradigmas e metodologias concorrentes, muitas das quais apresentam profundas divergências entre si.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia transpessoal. Humanismo. Espiritualidade.

ABSTRACT: Transpersonal Psychology has been considered the fourth force in psychology, after behaviorism, psychoanalysis and the humanist trend. It studies the states of consciousness and its application in health and education, and it understands humans as bio-psycho-social-spiritual beings. It integrates in practice many consecrated exercises used in Western and Eastern psychology. In the health field it has advanced due to research in the areas of neuroscience, meditation, extended states of conscience and the understanding of phenomenological states of enteogenous substances. In Brazil, Psychologist Vera Saldanha developed the Transpersonal integrative approach aiming at integrating harmonically neuropsychic functions such as reason, emotion, intuition and sensation in order to promote human evolution in clinical experience.

KEYWORDS: Transpersonal Psychology. Humanism. Spirituality.

RESUMEN: A la Psicología Transpersonal se considera la cuarta fuerza en la psicología, después del behaviorismo, de la psicanálise y la corriente humanista. Ella estudia los estados de conciencia y su aplicación en la salud y educación, y abarca el ser humano como un ser bio-psico-socio-espiritual. Integra en su práctica numerosos ejercicios consagrados de la psicología occidental y oriental. En la salud, tiene obtenido progresos en función de investigaciones en el área de la neurociencia, meditación, estados ampliados de conciencia y comprensión de los estados fenomenológicos de las sustancias enteógenas. En Brasil, la psicóloga Vera Saldanha ha desarrollado el abordaje integrativo transpersonal como para integrar funciones neuropsíquicas como la razón, emoción, intuición y sensación de forma armoniosa, ofreciendo en la experiencia clínica la evolución del ser humano.

PALABRAS-LLAVE: Psicología Transpersonal. Humanismo. Espiritualidad.

Introdução

O momento que estamos atravessando está se caracterizando pela aceleração do processo de mudança, que teve início na Idade Moderna e tem se acentuado de forma excepcional nas últimas décadas. No século XXI este processo tende a se acelerar cada vez mais, exigindo que abordagem do ser humano seja mais profunda, es-

pecialmente na área da educação, nas organizações e na psicoterapia.

Um episódio importante na história da psicologia é o fato dela já ter nascido justamente com o intuito de refletir o homem e seus anseios, seu comportamento, quem ele é e de onde ele vem. E para que isso pudesse ter um teor mais amplo, para que pudesse servir como base de acesso a um número maior de pessoas, nesse percurso da psi-

cológia desde a Grécia, a Idade Média, ela, no final do século XIX, se separa da filosofia.

A Psicologia é a ciência dos fenômenos psíquicos e do comportamento. Entende-se por comportamento uma estrutura vivencial interna que se manifesta na conduta. A teoria psicológica tem caráter interdisciplinar por sua íntima conexão com as ciências biológicas e sociais e por recorrer, cada

* Psicólogo, psicoterapeuta, educador. Mestre em Neurociências e Comportamento, USP. Pós-graduado em Psicologia e Saúde – Unimarco, Psicologia Transpessoal, Cesblu e Transdisciplinaridade, ICPG. Vice-presidente da Associação Luso-Brasileira de Transpessoal – ALUBRAT. Presidente da UNIPAZ – Universidade da Internacional da Paz – São Paulo. Membro do PROSER – Programa de Saúde Espiritualidade e Religiosidade do Instituto de Psiquiatria do HCFMUSP. Coordenador da pós-graduação em Psicologia Transpessoal em São Paulo.

vez mais, a metodologias estatísticas, matemáticas e informáticas. Não existe, contudo, uma só teoria psicológica, mas sim uma multiplicidade de enfoques, correntes, escolas, paradigmas e metodologias concorrentes, muitas das quais apresentam profundas divergências entre si.

A psicologia pode ser dividida em quatro grandes correntes denominadas forças:

1ª Força: Behaviorismo ou Psicologia Comportamental – criada por John B. Watson. Reformulou os conceitos de consciência e imaginação, negando o valor da introspecção. Watson rejeitou tudo o que não pudesse ser mensurável, replicável ou observável em laboratório. Segundo ele, somente o comportamento manifesto era possível de ser validado cientificamente. Os estudos posteriores demonstraram que essa postura não era correta em alguns aspectos, mesmo assim os estudos de Watson foram determinantes para a expansão da psicologia.

2ª Força: Psicanálise – criada por Sigmund Freud, o estudo psicanalítico focaliza prioritariamente a patologia e o extremo sofrimento diante da própria impotência e da limitação humana. Freud teve inúmeros seguidores e muitos de seus postulados sobre a psique continuam válidos e dão suporte às outras escolas que se desenvolveram a partir da psicanálise. Freud também teve dissidentes que evidenciaram outros aspectos importantes da psique humana que ele não admitia.

3ª Força: Psicologia Humanista – surgiu nos Estados Unidos e na Europa, na década de 50, como reação explícita ao behaviorismo e a analogia entre o Ser Humano e a máquina e que colocava à margem do seu objeto de estudo os fatores afetivos e emocionais. Os humanistas reagiram a essa opção meto-

dológica pela exclusão da emoção, que consideravam inerente e fundamental no ser humano. A visão do Ser Humano no humanismo é a de um ser criativo, com capacidades de auto-reflexão, decisões, escolhas e valores. Abraham Maslow é considerado fundador desse movimento. A respeito da psicanálise Maslow afirmou que Freud se deteve na doença e na miséria humana e que era necessário considerar os aspectos saudáveis, que dão sentido, riqueza e valor à vida. Uma das funções da forma humanista de se analisar a psicologia é resgatar o sentido da vida próprio da condição humana. Maslow afirmava que o homem seria um ser com poderes e capacidades inibidas. Adoecemos, não só por termos aspectos patológicos, mas, muitas vezes, por bloquearmos elementos saudáveis.

4ª Força: Psicologia Transpessoal – a partir das ideias da psicologia humanista surgiu a 4ª força. Maslow acreditava que vivenciar o aspecto transcendente era importante e crucial em nossas vidas. Pensar de forma holística, transcendendo dualidades como certo, errado, bem ou mal, passado, presente e futuro é fundamental. Maslow declarava que sem o transcendente ficaríamos doentes, violentos e niilistas, vazios de esperança e apáticos. Na segunda edição do livro “Introdução a Psicologia do Ser” Maslow anuncia o aparecimento da quarta força em psicologia - para além dos interesses personalizados, mais elevada e centrada no cosmo. Em 1968, ele concluiu: “*Considero a Psicologia Humanista, a Psicologia da Terceira Força, transitória, uma preparação para uma Quarta psicologia ainda “mais forte”, transpessoal, transumana, centrada no cosmos e não em necessidades e nos interesses humanos, que vai além da condição humana, da identidade, da auto-realização, etc.*” Algo maior do que somos e que seja respeitado

por nós, e ao qual nos entregamos num novo sentido não materialista. Vitor Frankl, Stanislav Grof, James Fadiman e Antony Sutich uniram-se a Maslow e oficializaram, em 1968, a Psicologia Transpessoal, enfocando o estudo da consciência e o reconhecimento dos significados das dimensões espirituais da psique. Esse evento foi anunciado por Antony Sutich, em seu artigo *Transpersonal Psychology*.

Portanto a psicologia transpessoal surgiu nos anos sessenta em resposta ao fato de que os principais modelos precedentes, as três primeiras forças da psicologia ocidental, fossem limitados em seu reconhecimento dos níveis superiores de desenvolvimento psicológico. Motivações e comportamentos voltados para a auto-realização e a autotranscendência, e até a possibilidade de se atingirem esses objetivos, não podiam ter reconhecida a sua validade nas correntes anteriores, muito embora as psicologias não-ocidentais contivessem detalhadas descrições deles. As obras completas de Freud contêm mais de quatrocentas referências à neurose e nenhuma à saúde. Por essas razões, alegava-se que os modelos comportamentalista e psicanalítico, embora tivessem dado grandes contribuições, também produziram certas limitações para a psicologia e para os nossos conceitos de natureza humana.

O modelo transpessoal incorpora áreas que vão além das concepções comuns do comportamentalismo, da psicanálise e da psicologia humanista. Mas, não é toda “a verdade”, e sim um quadro mais amplo do que os anteriores, devendo evoluir como todos os modelos anteriores.

Podemos conceituar *Psicologia Transpessoal* como “o estudo e aplicação dos diferentes níveis de consciência em direção à unidade fundamental do ser. A visão de mundo, na transpessoal, é a de um

todo integrado, em harmonia, onde tudo é energia, formando uma rede de inter-relações de todos os sistemas existentes no universo¹.

A Psicologia Transpessoal tem como objeto de estudo os estados de consciência que transcendem a pessoa além do conceito de ego. É a Escola de Psicologia que pesquisa num nível científico a espiritualidade. Entretanto, é importante frisar que a Psicologia Transpessoal não é religião, nem parapsicologia, apesar de se interessar e investigar, quando necessário estes aspectos e contextos da experiência humana.

O termo *transpessoal* foi adotado depois de uma considerável deliberação para abranger os relatos de pessoas praticantes de várias disciplinas da consciência que falavam de experiências de uma extensão da identidade para além da individualidade e da personalidade. Desse modo, não se pode considerar a psicologia transpessoal um modelo de personalidade em termos estritos, porque a personalidade é tida como apenas um dos aspectos da nossa natureza psicológica. “A psicologia transpessoal é, antes, um instrumento de pesquisa da natureza essencial do ser”. Sendo referendado, pela primeira vez, na área da psicologia, por Carl Gustav Jung, utilizando a palavra *überperson*, em 1916, e *überpersönlich*, em 1917, que significam *supra pessoa* e *supra pessoal* respectivamente².

Vera Saldanha, psicóloga, pioneira no estudo e prática da Transpessoal no Brasil em sua tese de doutorado na Unicamp refere ao formalizar sua investigação em Transpessoal que se deparou com uma literatura vasta em transpessoal. Sua primeira necessidade foi distinguir alguns conceitos que incluem: o movimento, a experiência e as disciplinas. Para ela o *movimento* transpessoal integra as diversas disciplinas que se dedicam à inclusão e ao estudo das experiências

transpessoais, fenômenos correlatos a suas aplicações. A *experiência* transpessoal, pode definir-se como “aquela em que o senso de identidade ou do eu ultrapassa (trans + passar = ir além) o individual e o pessoal a fim de abarcar aspectos da humanidade, da vida, da psiquê e do cosmo” (p. 17)³. Em relação às *disciplinas* temos a Psiquiatria Transpessoal a qual se concentra no estudo das experiências e fenômenos transpessoais, enfocando, particularmente, seus aspectos clínicos e biomédicos. A Antropologia Transpessoal a qual refere-se ao estudo transcultural dessas experiências e da relação entre a consciência e a cultura; a Sociologia Transpessoal estuda as dimensões e expressões sociais desses fenômenos e a Ecologia Transpessoal aborda as repercussões e aplicações ecológicas dos mesmos.

A Psicologia Transpessoal é o estudo e prática psicológica dessas experiências na saúde, educação, organizações, instituições, incluindo não só sua natureza, variedades, causas e efeitos, seu desenvolvimento, bem como a sua manifestação na filosofia, arte, cultura, educação, religiões.

Todavia, é importante observar o que essas definições não determinam, não excluem o pessoal; não o invalidam; enquadram-no dentro de um contexto mais amplo, o qual reconhece a importância de ambas as experiências pessoais e transpessoais; também não prendem as disciplinas transpessoais a nenhuma filosofia, religião ou visão do mundo específica, nem restringem a pesquisa a um determinado método (p. 17)³.

A *Psicologia transpessoal* está voltada para a expansão do campo de pesquisa psicológica a fim de incluir o estudo da saúde e do bem-estar psicológico ótimos. Ela reconhece o potencial da vivência de uma ampla gama de estados de

consciência, em alguns dos quais a identidade pode estender-se para além dos limites usuais do ego e da personalidade.

Pierre Weil⁴, importante psicólogo francês, radicado no Brasil desde a década de 50, postula alguns princípios epistemológicos que fundamentam a psicologia Transpessoal:

- a) existem sistemas energéticos inacessíveis aos nossos cinco sentidos, mas registráveis por outros sentidos;
- b) tudo na natureza se transforma e a energia que a compõe é eterna;
- c) a vida começa antes no nascimento e continua depois da morte física;
- d) a vida mental e espiritual forma um sistema suscetível de se desligar do corpo físico;
- e) a vida individual é inteiramente integrada e forma um todo com a vida cósmica;
- f) a evolução obtida durante a existência individual continua depois da morte física;
- g) a consciência é energia, que é vida, no sentido mais amplo: não apenas a vida biológica, física, mas também a da natureza, do Espírito, a vida-energia, infinita na suas mais diferentes expressões.

Weil⁵ especifica distintas áreas de aplicação nas disciplinas com orientação transpessoal:

- a) por educação transpessoal compreendemos o conjunto dos métodos que permitem descobrir ou revelar o transpessoal dentro do ser humano;
- b) por psicoterapia transpessoal, entendemos o conjunto de métodos de tratamento das neuroses pelo despertar do transpessoal, e das psicoses pela exteriorização do transpessoal semi potencializado;

c) por terapia transpessoal designamos o conjunto de métodos de restabelecimento da saúde pela progressiva redução da ilusão da existência de um “eu” separado do mundo (p. 16)⁵.

A psicologia transpessoal leva em consideração todo Ser Humano como um ser único, que jamais pode ser comparado com outro Ser Humano. Ela considera o indivíduo e os grupos a que ele pertence. Devido à sua atitude abrangente e à sua natureza transpessoal, ela não nos leva a pensar que estejamos em condição de superioridade ou acima das outras pessoas. Podemos respeitar nossos desejos e empregar nossos poderes, mas não à custa dos outros. A psicologia transpessoal não avalia com rigidez nem rotula as pessoas, e espera-se que nenhum de nós venha a agir dessa forma.

Reconhece o fato de que estamos em constante crescimento. Essa perspectiva auxilia-nos a restituir sentido e valor à vida, e ajuda-nos a determinar o que somos e o que desejamos. Também pode contribuir para a percepção de nossas responsabilidades pessoais e para com o mundo como um todo. Pode acrescentar um sentido de personalidade dinâmico ao momento presente e a sensação de sentido à nossa existência e ao nosso futuro.

No mundo moderno, muitas pessoas sofrem de uma ou de ambas as principais crises atuais. Primeiramente, existe a “crise do sentido da vida”. Em especial no Ocidente mas se proliferando por todo o planeta, muitos vivem num vazio existencial, a vida não apresenta um sentido (além do puramente material). A psicologia e a educação transpessoal contribuem para a cura dessa enfermidade. A segunda crise é a da dualidade - não nos percebemos como entidades completas e únicas, estamos constantemente divididos entre di-

versos desejos e vontades. Vivemos nos comparando com outras pessoas ou situações numa atitude dualista. A psicoterapia e a educação transpessoal atuam na cura desta crise ao nos direcionar à harmonia e ao equilíbrio essenciais.

Às vezes, experiências correlacionadas com um declínio de uma psicopatologia e com a restauração da saúde psíquica podem muito bem expor experiências subjetivas que ultrapassam e muito os chamados limites normais do ego. William James já o havia notado em fins do século passado. O resultado de muitas destas pesquisas, muitas delas envolvendo psiquiatras e psicólogos famosos, levantou uma séria questão: seria possível que algumas das distinções que mantemos entre nós mesmos e o resto do mundo sejam arbitrárias e/ou culturalmente condicionadas? Talvez a consciência humana seja um vasto campo ou espectro, semelhante ao espectro eletromagnético, onde cada “frequência” expressaria um modo de percepção, muito mais que um conjunto firme de traços ou características rigidamente definidas de expressão, já que em certas experiências – algumas delas envolvendo psicodélicos ou drogas psicoativas – a consciência do sujeito parece abranger elementos que não têm nenhuma continuidade com sua identidade do ego usual e que não podem ser considerados simples derivativos de suas experiências no mundo convencional.

Vejamos esta descrição, feita por Stanislav Grof, de experiências correlacionadas com o declínio de uma patologia (p.168)⁶:

“No estado de consciência ‘normal’ ou usual, o indivíduo se experimenta existindo dentro dos limites de seu corpo físico (a imagem corporal), e sua percepção do meio ambiente é restringida pela extensão, fisicamente determinada, de seus

órgãos de percepção externa; tanto a percepção interna quanto a percepção do meio ambiente estão confinadas dentro dos limites do espaço e do tempo. Em experiências psicodélicas de cunho transpessoais, uma ou várias destas limitações parecem ser transcendidas. Em alguns casos, o sujeito experimenta um afrouxamento de seus limites usuais de ego e sua consciência e autopercepção parecem expandir-se para incluir e abranger outros indivíduos e elementos do mundo externo. Em outros casos, ele continua experienciando sua própria identidade, mas numa percepção de tempo diferente, num lugar diferente ou em um diferente contexto. Ainda em outros casos, o indivíduo pode experimentar uma completa perda de sua própria identidade egóica e uma total identificação com a consciência de uma ‘outra’ entidade. Finalmente, numa categoria bastante ampla destas experiências psicodélicas transpessoais (experiências arquetípicas, união com Deus, etc.), a consciência do sujeito parece abranger elementos que não têm nenhuma continuidade com a sua identidade de ego usual e que não podem ser considerados simples derivativos de suas experiências do mundo tridimensional”⁶.

Outro autor de importância para o desenvolvimento da Psicologia Transpessoal é Assagioli⁷. Ele é o criador da *psicossíntese*, que é um tipo de resposta ao método fragmentar da psicanálise, onde está clara a responsabilidade do indivíduo no processo do próprio crescimento, que é um impulso constante em todas as pessoas, apesar de relativamente tênue, embora poucas se dêem a chance de se desenvolverem plenamente.

A cartografia de Assagioli⁷ sobre a personalidade humana tem muito em comum com o modelo Junguiano da psique, uma vez que inclui os campos espirituais e os elementos coletivos da psique. Ele se constitui de sete constituintes dinâmicos: o inconsciente inferior orienta as atividades psicológicas básicas, como as pulsões sexuais e os complexos emocionais. O inconsciente médio seria algo como o subconsciente. O campo superconsciente é o local dos sentimentos e aptidões superiores, onde se localizam a intuição e a inspiração. O campo da consciência inclui os pensamentos e sentimentos analisáveis. O ponto central da psique é o *Self*. Todos esses componentes são anexados ao inconsciente coletivo.

O processo terapêutico fundamental da psicossíntese envolve quatro estágios consecutivos. Primeiro, o cliente toma conhecimento dos vários elementos (didaticamente falando) de sua personalidade, o que inclui seu ego ideal e o seu ego real, com todos os *defeitos* que a pessoa gostaria de suprimir. Depois que estiver bem familiarizado com eles, ele terá que começar a se desidentificar com esses elementos (conhecer-se a si mesmo e perceber que suas várias características são apenas características, não o fundamento do ser, ou *self*). Depois que a pessoa descobre seu centro psicológico unificador, é possível a realização total da psicossíntese, caracterizada pela culminância do processo de auto-realização pela integração dos componentes da personalidade à volta do novo centro, o *self*.

Apesar de não ser incluído, pela maioria dos autores, como um psicólogo transpessoal, mas como um dos mais significativos psicólogos humanistas, não escapou à Rogers⁹ as chamadas dimensões transcendentais ou espirituais que frequentemente emergem no con-

texto terapêutico, especialmente em termos de Terapia de Grupo, na qual Rogers foi grande pioneiro. E foi exatamente a partir do revolucionário trabalho com *Grandes Grupos* e em *Workshops*, na última fase de sua formulação teórica, que a temática transpessoal começa a se delinear nos escritos do criador da Abordagem Centrada na Pessoa, e nos escritos de seus principais colaboradores. John K. Wood, por exemplo, escreveu o seguinte comentário⁹ sobre as ocorrências transpessoais que costumam ocorrer em *Grandes Grupos*:

“(...) frequentemente as pessoas compartilham e falam de sonhos sem interpretação ou comentário. Sonhos comuns muitas vezes ocorrem. Algumas pessoas reportam “experiências místicas” (...). As mesmas ideias e mitos [imagens arquetípicas] frequentemente emergem de várias pessoas ao mesmo tempo” (p. 34)⁹.

O próprio Rogers se refere muitas vezes em suas últimas obras às percepções transpessoais e fenômenos congêneres de estados sutis de consciência, e estabelece que estes são eventos observáveis e inerentes ao trabalho bem sucedido com *Grandes Grupos* e *Workshops*:

“O outro aspecto importante do processo de formação de [*Grandes Grupos*] com que tenho tido contato é a sua transcendência e espiritualidade. Há alguns anos eu jamais empregaria estas palavras. Mas a extrema sabedoria do grupo, a presença de uma comunicação profunda quase telepática, a sensação de que existe “algo mais”, parecem exigir tais termos” (p. 62)¹⁰.

Tenho a certeza de que este tipo de fenômeno transcendente às vezes é vivido em alguns grupos com que tenho trabalhado, provocando mudanças na vida de alguns

participantes. Um deles colocou de forma eloquente: “Acho que vivi uma experiência espiritual profunda, senti que havia uma comunhão espiritual no grupo. Respiramos juntos, sentimos juntos, e até falamos uns pelos outros. Senti o poder de força vital que anima cada um de nós, não importa o que isso seja. Senti sua presença sem as barreiras usuais do ‘eu’ e do ‘você’ - foi como uma experiência de meditação, quando me sinto como um centro de consciência, como parte de uma consciência mais ampla, universal. (p. 47-48)¹⁰ .

O Espectro da Consciência

Um dos sistemas didáticos, em psicologia, que procura integrar os diferentes *insights* das várias escolas psicoterapêuticas do ocidente entre si, e estas com as várias abordagens orientais, é a Psicologia do Espectro, proposta por Ken Wilber¹¹, como um modelo da compreensão transpessoal das diferenças entre psicoterapias. Nele, cada uma das diferentes escolas é vista como uma faixa que se dedica a um aspecto específico do total a que se pode apresentar a consciência humana. Cada uma dessas escolas aponta para um estado de consciência que se caracteriza por possuir um diferente senso de identidade, indo da pequena identidade restrita ao ego até à suprema identidade com todo o universo, que é o nível extremo da consciência transpessoal. Este espectro pode ser entendido a partir de quatro níveis: o do ego, o biossocial, o existencial e o Transpessoal.

No *nível do ego*, a pessoa não se identifica, a rigor, com o seu organismo, mas com uma *representação mental*, ou com um conceito do mesmo, como uma auto-imagem construída, ou egóica. É, pois, um problema de identificação com um modelo que a pessoa aceita, num

investimento, como sendo seu “eu”. Existe – para ela – um “eu” que é diferente e independente de tudo e de todos. A pessoa não se interessa muito em cultivar relações interpessoais sem que haja uma vantagem específica para o ego, e muito menos se preocupa com aspectos ecológicos ou sociais.

O *nível biossocial* já envolve a consciência e a preocupação com o nível e com os aspectos do ambiente social da pessoa. A influência preponderante é a de padrões culturais e sociais. A pessoa sente como fazendo parte – e tendo alguma responsabilidade – pelo seu meio-ambiente social e natural.

O *nível existencial* é o nível do organismo total, caracterizado por um senso de identidade corpo/mente auto-organizador. É o nível dos ideais humanistas e do pensamento mais sofisticado, em termos de filosofia de vida. Emoção e razão estão mais ou menos associadas para o crescimento e o desenvolvimento das potencialidades do homem, desde que os meios sejam razoavelmente propícios. Quando não, ainda assim a pessoa luta para se auto-atualizar e a ajudar seus semelhantes. Alto grau de desenvolvimento moral é frequentemente associado a este estágio.

O *nível Transpessoal* é o nível da expansão da consciência para além das fronteiras do ego, correspondendo a um senso de identidade mais amplo. Elas podem envolver percepções do meio ambiente, onde tudo está, de uma forma sutil mas muito presente, ligado - de forma *Não Linear* – a tudo. É o nível do inconsciente coletivo e dos fenômenos que lhe estão associados, tal como descritos por Jung e seguidores. É também neste nível de percepção que podem – mas não neces-

sariamente ocorrem ou são regra geral próprias de uma percepção transpessoal – surgir, como eventos secundários, certos fenômenos parapsicológicos, como telepatia, precognição ou – o que não tipifica um fenômeno parapsicológico, mas sim psicológico – lembranças de vidas passadas. É uma forma extremamente sofisticada e não ordinária de consciência em que a pessoa não aceita mais a crença uma separação rígida entre ela e todo o universo, a não ser como uma forma de atuar praticamente sobre o meio em que vive com outras pessoas. Essa forma de consciência transcende e muito, o raciocínio lógico convencional, e aproxima-se das assim chamadas experiências místicas. E é este estado que é objeto mais íntimo de estudo da Psicologia Transpessoal.

Stalislav Grof^a em entrevista responde a seguinte questão: O que a Psicologia Transpessoal e o seu trabalho trouxeram para a psicologia como ciência?

A Psicologia Humanista corrigiu a tendência do comportamentalismo em ignorar a consciência e a introspecção e formular teorias sobre a psique humana, exclusivamente, através de observações do comportamento, particularmente, em relação ao comportamento dos animais, tais como ratos e pombos. O foco do estudo humanístico foram os valores humanos mais elevados e a tendência em perseguir os “metavalores” de Maslow e “metamotivações”, lidando com o que Maslow chamou “auto-atualização” e “autorealização”. A Psicologia Transpessoal então adicionou, ainda, uma outra dimensão importante, que é o reconhecimento da espiritualidade, como um aspecto importante e legítimo da psique humana. Esta é uma diferença

radical da psicologia acadêmica, que destitui a espiritualidade de alguma forma e de algum nível de sofisticação e a caracteriza como superstição, pensamento mágico primitivo, imaturidade emocional ou patologia. Um outro importante aspecto da Psicologia Transpessoal é que ela estuda o espectro inteiro da experiência humana, incluindo os estados incomuns de consciência, particularmente, várias formas de experiências místicas. A Psicologia Transpessoal foi profundamente influenciada pelas experiências e observações dos estudos de estados incomuns de consciência, tais como aqueles que ocorrem durante práticas xamânicas, ritos aborígenes de passagem, os mistérios antigos de morte e renascimento, sessões psicodélicas e várias formas de práticas espirituais (incluindo diferentes escolas de yoga, Budismo, Taoísmo, Sufismo, misticismo Cristão, etc.). E aí é onde entra meu próprio trabalho. Minha contribuição para a Psicologia Transpessoal, além de dar o nome “transpessoal”, vem de quatro décadas de exploração sistemática do potencial terapêutico, transformativo e evolucionário dos estados incomuns de consciência. Fiquei aproximadamente a metade deste tempo conduzindo terapia com substâncias psicodélicas, primeiro na Tchecoslováquia, no Instituto de Pesquisa Psiquiátrica, em Praga, e depois nos Estados Unidos, no Maryland Psychiatric Research Center, em Baltimore, onde participei do último programa sobrevivente de pesquisa psicodélica americano.

Uma outra área que tenho dedicado bastante atenção tem sido a tanatologia, uma jovem disciplina que estuda experiências próximas da morte e aspectos psicológicos e

a. Esta entrevista foi concedida por Stanislav Grof, M.D., a Álvaro Jardim e Carmen Maciel, durante visita a Goiânia, GO, Brasil, no período entre 24 a 28 de Setembro de 2000. Neste período, o Dr. Grof deu uma palestra pública - “O Potencial de Cura dos Estados Incomuns de Consciência” - no Salão Tocantins do Castro's Park Hotel, onde se fizeram presentes mais de 400 pessoas prestigiando o evento, e, no Serro Park Hotel ele dirigiu a parte teórica do módulo “Arquitetura da Psicopatologia”.

espirituais da morte e do morrer. Eu participei no final dos anos 60 e no início dos anos 70 de um amplo projeto de pesquisa, estudando os efeitos da terapia psicodélica, em indivíduos terminais com câncer. Eu poderia também acrescentar que tenho tido o privilégio de conhecer pessoalmente e de ter tido experiências com alguns dos grandes físicos e parapsicólogos de nossa era, pioneiros de pesquisa da consciência em laboratório e terapeutas, que desenvolveram e praticaram formas poderosas de terapias experienciais, que induzem estados incomuns de consciência.

Após todos esses anos de estudo de várias formas de estados incomuns de consciência, eu concluo que as experiências e observações desse trabalho mostram uma urgente necessidade de uma revisão profunda do nosso pensamento em psiquiatria, psicologia e psicoterapia. A profundidade e alcance desta revisão poderia ser comparada com o que aconteceu na física nas primeiras três décadas do século XX - a mudança da física Newtoniana para a teoria da relatividade e então para a física quântica. Eu escrevi sobre estas implicações em meu último livro, *Psicologia do Futuro: Lições de Pesquisa da Consciência Moderna*.

Ainda Grof responde: Porque você atribui atenção especial aos temas espirituais em seu trabalho?

Minha pesquisa da consciência tem me convencido que a espiritualidade é não somente uma muito real e legítima dimensão da psique humana e da ordem universal, mas também uma dimensão de importância crítica. Em seu livro *"The Natural Mind"*, Andrew Weil, um bem conhecido médico americano, expressou a opinião que a necessidade de viver uma experiência mística é a mais poderosa condutora da psique humana, muito mais poderosa que a sexuali-

dade, que tem sido tão fortemente enfatizada pelos psicanalistas freudianos.

E eu não posso concordar mais. Acredito que essa atitude corrente, em direção à espiritualidade, descobriu um sério e trágico erro na ciência materialista de hoje e na psicologia moderna. A civilização industrial ocidental está pagando um pesado preço por ter rejeitado e perdido a genuína espiritualidade. Acredito na probabilidade de que este fator é uma das principais razões da crise global de hoje; o ateísmo, formado pela ciência materialista, contribui, de modo significativo, para que a humanidade moderna siga um curso destrutivo e suicida.

A Psicologia Transpessoal é uma disciplina que integra a ciência e espiritualidade, filosofia oriental e pragmatismo ocidental, antiga sabedoria e ciência moderna. Mas para sermos hábeis para fazer isso, temos que diferenciar claramente espiritualidade de religião e ciência de cientificismo¹¹.

A espiritualidade está baseada em experiências diretas de dimensões e aspectos incomuns da realidade. Ela não requer um lugar especial ou uma pessoa designada oficialmente para mediar contato com o divino. Os místicos não necessitam igrejas ou templos. O contexto no qual eles experienciam a dimensão sagrada da realidade, incluindo sua própria divindade, são os seus corpos e a natureza. E ao invés de ordenar padres, eles necessitam de um grupo de apoio de colegas buscadores ou a orientação de um professor, que está mais avançado na jornada interna do que estão eles próprios. A espiritualidade envolve um tipo especial de relacionamento entre o indivíduo e o cosmos e é, em essência, um caso privativo e pessoal.

Por comparação, a religião organizada é uma institucionalizada ati-

vidade de grupo que tem lugar em um local designado, um templo ou uma igreja e envolve um sistema de oficiais marcados que pensam ou não ter tido experiências pessoais de realidades espirituais. Uma vez organizada a religião, frequentemente, perde completamente a conexão com a fonte espiritual e torna-se uma instituição secular, que explora as necessidades espirituais humanas, sem satisfazê-las.

As religiões organizadas tendem a criar sistemas hierárquicos, focando sobre perseguição de poder, controle, políticos, dinheiro, possessões e outras preocupações seculares. Sob essas circunstâncias, as hierarquias religiosas, como regra, discordam e desencorajam experiências espirituais diretas para seus membros, porque eles criam independência e não podem ser controlados efetivamente. Quando esse é o caso, a genuína vida espiritual continua somente no ramo místico, ordens monásticas e seitas extáticas das religiões envolvidas.

Não há dúvida de que os dogmas das religiões organizadas estão geralmente em conflito com a ciência, se essa ciência usa o modelo materialista-mecanicista ou está ancorado no paradigma emergente. No entanto, a situação é muito diferente, ao considerar o autêntico misticismo, baseado na experiência espiritual. A grande tradição mística tem acumulado extensivo conhecimento sobre a consciência humana e sobre o domínio espiritual, de um modo que é similar ao método que cientistas usam para adquirir conhecimento sobre o mundo material. Envolve metodologias para indução de experiências transpessoais, sistemática coleta de dados e validação intersubjetiva.

Experiências espirituais, como algum outro aspecto da realidade, podem estar sujeitas a cuidadosa pesquisa de mente aberta e estudadas cientificamente. Nada há de

não científico sobre ser imparcial e estudar rigorosamente o fenômeno transpessoal e os desafios que eles apresentam, para uma compreensão materialista do mundo. Cada abordagem somente pode responder à questão crítica sobre o estado ontológico da experiência mística. Elas revelam uma verdade profunda sobre algum aspecto básico da existência, como mantido pela filosofia perene, ou elas são produtos da superstição, fantasia ou doença mental, como a ciência materialista ocidental as vê?

Para Vera Saldanha^b “é muito importante ficar claro que nenhuma prática, seja espírita, tibetana, seja xamânica, é prática de Psicologia Transpessoal. Isso não tem nenhum demérito no sentido de que o xamanismo pode ter até mais conhecimento, ser uma coisa milenar, tão antiga, mas ela não é uma prática de Psicologia Transpessoal. Nesse sentido, a compreensão de que existem os fenômenos transpessoais, que certamente nós poderíamos dizer que existem desde o primeiro homem primitivo, quando ele fazia suas rodas de canto, sua adoração ao sol, ele entrava em estados de êxtase. Isso são fenômenos transpessoais que vão ser estudados pela Psicologia Transpessoal, pela Antropologia Transpessoal, mas não é uma prática da Transpessoal. Então, você precisa distinguir o que é a experiência transpessoal, da psicologia transpessoal. Assim como da Sociologia Transpessoal, da Psiquiatria Transpessoal, cada uma tem a sua área de atuação. E talvez isso ainda seja uma coisa que, por falta de informações nas universidades, os alunos, qualquer coisa que ouvem falar, principalmente nessas duas últimas décadas nas quais estão muito em voga os fenômenos místicos, esotéricos, as seitas... E por que isso está aconte-

cendo? Porque são interlocuções para estados de expansão de consciência e que a psicologia, na medida em que tenta ignorar ou deixar de lado, presta um grande desserviço ao ser humano. Porque se ele vai a um psicólogo onde ele precisa, ele sente necessidade de falar dessa dimensão espiritual, mas ele não encontra um interlocutor, ele vai buscar em práticas místicas. Se ele não quer aderir a uma religião, então ele vai criar a própria seita. Quando, na verdade, é uma dimensão muito saudável do ser humano, que acaba podendo até ter um desvio de percurso, embora nós tenhamos até que reconhecer que muitas religiões, se algumas podem ter embotado a reflexão do ser humano, muitas contribuem para que determinados valores, determinados comportamentos adequados, que são talvez ignorados pelo poder público, um grupo grande que fica à margem, eles acabam dando até suporte, acabam até ajudando. Eu me lembro que o Roberto Crema^{12,13} me disse numa palestra dele assim que se não fossem os centros espíritas, os exorcismos das igrejas evangélicas, se não fossem as práticas religiosas, talvez os nossos hospitais tivessem ainda mais abarrotados de pessoas. Não porque elas são doentes, mas porque elas não encontraram na psicologia uma interlocução para a sua dimensão espiritual, para a sua transpessoalidade. Então, acho que esse compromisso com a saúde mental nos faz não sermos omissos com uma dimensão que é essencial da nossa natureza; que o Maslow evidencia desde a década de 50: que se você não permite na criança manifestar suas experiências de êxtase, sua dimensão de espiritualidade, você adocece esse ser humano e aí ele diz: “Nós estamos numa sociedade muito doente, com seres humanos mui-

to doentes.” E que daí você precisa ter melhores seres humanos e melhores sociedades. E aí diz: “Como fazer isso?” E aí é que ele mostra a proposta da Transpessoal. E quando você trabalha num plano experiencial e quando você trabalha com estados expandidos de consciência, se vem um lado muitas vezes hediondo, vem também a dimensão mais superior que igualmente se encontrava inconsciente. Só que claro, para isso o psicólogo tem que ter um profundo conhecimento, tem que ter um treinamento intenso, porque senão ele simplesmente vai só levando as experiências, as vivências e isso pode também acarretar agravamentos a Transpessoal afirma que existe reencarnação.” É mas aí a gente deixa bem claro, quer dizer, ela nem afirma que existe e nem que não existe. É uma das hipóteses como foi a do aparelho psíquico do Freud, do inconsciente, do pré-consciente; como é a hipótese que foi observada do inconsciente coletivo do Jung. *É no contexto* – quer dizer, essas são faixas que são acessadas em experiências de expansão de consciência – então que se faz um mapeamento e se denomina de inconsciente coletivo, inconsciente transindividual, inconsciente filogenético, ou seja, são experiências universais que habitam no inconsciente do qual nós emergimos. Nós emergimos do inconsciente. Então, a Transpessoal vai estudar esse inconsciente. E no plano da dualidade é uma hipótese possível, mas no plano do absoluto, que é o cerne do conceito da Transpessoal, não existe e nunca existiu outra vida, outra encarnação, porque há uma visão da consciência de unidade. Então, é importante essa compreensão dos vários níveis da consciência: num determinado plano pode ser que sim, pode ser que não; num outro plano nunca existiu.”

b. Entrevista concedida em Campinas para fins de estudo e não publicada.

A Transpessoal tem contribuído para a compreensão dos processos psicológicos da morte e morrer. Que sentido tem a morte em nosso mundo materialista? O mundo que nos rodeia não nos ensina a morrer. Tudo é feito para esconder a morte. O encontro de JeanYves Leloup e Marie de Hennezel¹⁴, propõe a reflexão sobre o valor que se deve dar à morte. Conhecer as grandes concepções filosóficas, religiosas e místicas permite sentir melhor o que significa morrer.

Rita Macieira¹⁵ aborda o sentido da experiência da morte através de uma visão Transpessoal e a importância de sua obra é que pode ser lido pelo próprio paciente, mas principalmente por profissionais que cuidarão do paciente até o momento da morte. Refere o quão importante é o “estar junto”, o quanto de vida há na proximidade da morte e como a Psicologia Transpessoal pode favorecer o encontro do terapeuta com o paciente nesse processo.

Macieira e colaboradores¹⁶ falam de cura, sonhos e outros temas nos trazendo encorajamento e esperança. Assim, ampliam-se as possibilidades de se maximizar sua realização partindo do princípio que cada um de nós pode fazer mais do que esperar o efeito de determinada medicação. Ou pior, esperar o lançamento de uma nova droga que seja, de fato, eficiente. A experiência tem mostrado que sem sentido ninguém consegue viver por muito tempo. Talvez uma das perguntas mais inquietantes no final do século passado e neste início de milênio seja: qual o sentido da vida? Qual a finalidade do viver e do morrer?

Para Leloup¹⁷, um dos maiores expoentes de Psicologia Transpessoal, é preciso cuidar do ser humano em sua globalidade, em sua totalidade, mesmo quando se trata só os seus dentes. Nos lembra do

“Complexo de Jonas”, desvelando o caminho em direção do despertar espiritual e irmos além dos medos do eu.

Leloup¹⁷ nos presenteia com a tradução de “Os terapeutas”, de Fílon de Alexandria. Ainda não se tem clareza sobre essa comunidade antiga, que teria florescido em Alexandria na época do nascente cristianismo, mas a mensagem da comunidade dos Terapeutas permanece atual. Para atingir a plenitude, o ser humano tem que “cuidar do Ser”, apreender e cultivar o que constitui o seu mais secreto núcleo e, auxiliado pela graça divina, integrar harmoniosamente “soma” (a dimensão corporal), “psyche” (a dimensão psíquica), “nous” (a dimensão intelectual) e “pneuma” (a dimensão espiritual).

Entre os mais respeitados nomes nos campos de Psicologia, da Teologia e da Filosofia, Ken Wilber se destaca de imediato. Seus livros *O Espectro da Consciência* e *O Projeto Atman*¹⁸ foram adotados por várias Universidades e Faculdades. Seus trabalhos têm sido muito bem recebidos pelos colegas, que não lhe poupam elogios. “O Einstein há tanto tempo esperado da pesquisa da consciência.” “Poucas pessoas entendem as muitas facetas da psicologia ocidental com amplitude e a profundidade de Ken Wilber. No espectro da Consciência, Wilber nos traz uma abordagem que amplia as concepções sobre a consciência desenvolvidas pela psicologia ocidental. Compara a consciência ao espectro eletromagnético. A partir dessa analogia, tal como qualquer radiação eletromagnética, a consciência é “una” e se manifesta por uma multiplicidade de aspectos, de níveis ou de faixas, que correspondem aos diferentes comprimentos das ondas eletromagnéticas.

Frances Vaughan¹⁹ argumenta com convicção que psicoterapia e

espiritualidade são aspectos complementares do desenvolvimento humano, e que ambos são essenciais para se alcançar condições ideais de saúde física, emocional, mental, existencial e espiritual. Esclarece a relação entre crescimento e desenvolvimento interior e exterior.

Apesar de sua rápida expansão, a psicologia transpessoal vinha precisando de um texto introdutório mais abrangente. Walsh e Vaughan³ reuniram textos mais pertinentes e os autores de maior destaque nesse campo.

Pierre Weil contribuiu na década de 80 com uma coleção publicada denominada coleção psicologia Transpessoal. Neste trabalho, além de tratar da metodologia da psicologia transpessoal, trata também da colaboração científica que diferentes ramos da psicologia podem lhe dar e da relação existente entre ciência e mística, seja ela ocidental ou oriental. Aprofundam-se aqui interrogações relativas aos limites da Evolução Mental Humana e da Morte. Levantam-se questões sobre a Energia Vital Humana, a evolução, a Vida após a Morte, e os Estados de Consciência. Trata, com uma abordagem séria, os fenômenos de realizações transpessoais. Aborda diferenças e semelhanças entre a esquizofrenia e a mística. Traz um estudo que apresenta a regressão como uma explicação plausível das ligações entre psicoses e estados místicos. A seguir, estudam-se os símbolos (elevação, alargamento, expansão, despertar, luz, fogo, amor, etc.) que abrem o ser humano para as significações de realizações transpessoais^{20,21,22,23}.

Pierre Weil delinea um novo campo de pesquisa dentre aqueles que se preocupam com os mistérios da Alma Humana, o da Psicologia Transpessoal, preocupada com o estudo dos chamados Estados de Consciência, que surgem nas experiências místicas. Seus ensina-

mentos preciosos que revelam ao homem como viver em paz consigo mesmo, com os outros, com o meio ambiente e com os cosmos. Para Pierre Weil, a grande caminhada do homem sobre a Terra deve ser no sentido de ser descobrir como parcela de um idêntico princípio, célula de um único projeto, partícipe de um mesmo universal movimento, emanção de uma mesma radiante luz, no exercício cotidiano do que ele denomina a arte de viver a vida.

O médico e psicoterapeuta Rüdiger Dahlke²⁴ e o psicólogo Thowald Dethlefsen conquistaram interesse de um grande número de pessoas quando enumeram sintomas, de doenças tais como esclerose múltipla, epilepsia, mal de Parkinson e de Alzheimer, bem como degenerações de Tiróide, problemas da coluna vertebral e de outras articulações, moléstias da próstata, infecção por herpes e até mesmo problemas aparentemente banais, como queda de cabelo, frieiras e verrugas. Os sintomas são descritos de maneira que a própria pessoa afetada possa entendê-lo e entender o seu significado.

O tema do Câncer é abordado outra vez, sendo consideravelmente aprofundado, sobretudo aquele que mais frequentemente atinge as mulheres, o câncer de mama, é tratado de maneira extensa. A conclusão a que Rüdiger Dahlke chegou depois de se aprofundar nesse estudo pode ser resumida da seguinte maneira: O que fazer com a doença depende exclusivamente da pessoa afetada. É importante receber a mensagem enviada pelo sintomas, aprender com ela e crescer espiritualmente. Cada quadro sintomático põe à mostra os elementos que faltam para a pessoa atingir a perfeição. Um bom conhecimento dos sintomas pode proporcionar ao doente uma vida inteiramente nova.

Moretti, psicoterapeuta transpessoal refere o espaço terapêutico

sendo não o único lugar em que podemos viver nossa realidade subjetiva, projectar nossa sabedoria interior e abrir espaço para que a “Consciência se manifeste, mas, com certeza é um lugar onde se pode compensar as influências funestas de outros ambientes com sua paz e serenidade. Um ambiente acolhedor que possibilite o desabrochar de potencialidades, assim como o expressar de conflitos e angústias.

O que difere a psicologia de orientação transpessoal das demais abordagens terapêuticas é a visão de homem como um ser bio-psico-sócio-espiritual e o conjunto de referenciais teóricos utilizados durante o processo terapêutico. A visão holística e integral do psiquismo humano revela, como já mencionado acima, a existência de um centro unificador da personalidade – Transpessoal – conhecido também por Self, Eu Superior, Espírito que conhece seu projecto de vida individual e social, histórico e transcendental, que apreende a realidade de forma lúcida, que é livre e inteligente, portanto, sabe o que é necessário para prosseguir em sua jornada evolutiva. O terapeuta dentro desta nova abordagem é apenas um facilitador que acompanha amorosamente o desenvolvimento psico-espiritual de seus clientes.

As psicoterapias convencionais oferecem apenas um método de tratamento dos transtornos da personalidade objectivando na maioria das vezes apenas o alívio dos sintomas, a mudança de comportamento e a redução do desconforto psicológico. Na psicoterapia transpessoal buscamos conscientizar o cliente sobre a natureza e a extensão do seu desalinho emocional, bem como assinalar e informar sobre a possibilidade de desenvolver suas potencialidades e capacidades inatas, formas trans-

convencionais de ser, oferecendo recursos para viabilizá-los.

A psicoterapia de orientação transpessoal ajuda o cliente a se localizar, a mapear os seus “problemas” e a situá-los no ambiente social, cultural, familiar, profissional, afectivo, espiritual, etc., o que por si só já é altamente terapêutico e ainda favorece nele a atenuação da ansiedade, activação da autoconfiança, requisitos necessários e importantes ao início do processo de autocura.

Quando uma pessoa procura a psicoterapia, quase sempre seu objetivo é a diminuição e até a supressão de um estado de sofrimento decorrentes de dificuldades de ordem emocional e espiritual. No percurso que faz para o interior de si mesma, ela tem a chance de adquirir mais conhecimento de seu modo de ser e de desenvolver-se como pessoa. No contato consigo mesma, seja para descobrir os recursos pessoais para a evolução, seja para encarar seus “estados de consciência”, como sintomas ou processos defensivos, um guia/orientador se faz necessário. E essa parece ser uma das funções básicas do trabalho terapêutico. Sabemos o quanto o acompanhamento de uma ajuda gentil, mas firme, é fundamental nesses mergulhos nas profundezas do inconsciente.

A psicoterapia de orientação transpessoal possui um número bastante expressivo de exercícios que são empregados com finalidade terapêutica. Utilizamos também algumas técnicas das tradições milenares do oriente como: meditação, concentração, contemplação, trabalho com mandalas e também nos valemos dos recursos oferecidos pelo relaxamento como auxiliar no rebaixamento dos níveis de tensão e ansiedade, na liberação de endorfinas que tem efeito anestésico e proporcionam grande bem-estar. Trabalhamos para que

o cliente aprenda a desenvolver recursos positivos para si próprio e passe a utilizá-los em sua vida cotidiana.

Características de uma nova Psicologia

A nova psicologia que surge apoiada numa concepção holística e sistêmica considera o organismo humano como um todo integrado que envolve padrões físicos, mentais, sociais e espirituais. Assim, a base conceitual da Psicologia deve ser compatível tanto com a da Biologia quanto da Sociologia, Antropologia e Filosofia. No modelo acadêmico moderno, a estrutura voltada à especialização do conhecimento tornou muito difícil a comunicação entre as disciplinas, e entre biólogos e psicólogos o entendimento era muito sofrido. A abordagem sistêmica fornece um terreno propício para a compreensão das manifestações psicossomática do organismo *na*

saúde e na doença, permitindo um intercâmbio, desde que se queira, entre biomédicos e psicólogos.

Contudo para os sistemas da Psicologia hegemônicos, tudo o que a Psicologia Transpessoal defende é um verdadeiro absurdo. No século XX, a racionalidade tornou-se a medida última de todas as coisas, substituindo com rapidez a espiritualidade e as crenças religiosas. No curso da Revolução Científica ocidental, todas as coisas que tivessem a mínima relação com o misticismo eram desqualificadas como resquício da “Idade das Trevas”. Assim, os estados visionários perderam o seu caráter de valioso complemento dos estados de consciência comuns, sendo tomados por distorções patológicas da atividade mental (S. Grof & C. Grof, 1995). Consequentemente, muitas pessoas que têm sintomas emocionais ou psicossomáticos são automaticamente classificadas como portadoras de um problema médico, e as suas

dificuldades são vistas como doenças de origem desconhecida, embora testes clínicos e laboratoriais não ofereçam nenhuma evidência que comprove esse tipo de abordagem^{25,26}.

O foco central da psicologia está tendendo a se transferir das estruturas psicológicas para os processos relacionais subjacentes. A psique humana sendo vista como um sistema dinâmico que envolve uma variedade de fenômenos ligados à auto-atualização e crescimento contínuos. Assim, a psique teria um tipo de inteligência intrínseca que a habilita a envolver-se a tal ponto com o meio, que este processo pode levar não só a uma doença, mas também ao processo de cura e crescimento, como a concepção de autotranscendência da teoria dos sistemas.

Maslow dizia: “*Nós não adoecemos só por conflitos, nós adoecemos também por reprimir o amor, reprimir a nossa manifestação, a nossa expressão saudável.*”

REFERÊNCIAS

1. Saldanha V. Psicologia transpessoal – Abordagem integrativa. Um conhecimento emergente em psicologia da consciência. Ijuí: Unijui; 2008.
2. Simões M. Psicologia Transpessoal. Lisboa: Temática; 1998.
3. Walsh R, Vaughan F. Além do Ego: dimensões transpessoais em psicologia. São Paulo: Cultrix/Pensamento; 1997.
4. Weil P. Fronteiras da evolução e da morte. Rio de Janeiro: Vozes; 1977.
5. Weil P. A Morte da Morte: uma abordagem transpessoal. São Paulo: Gente; 1995.
6. Fadiman J, Frager R. Teorias da Personalidade. São Paulo: Harbra; 1986.
7. Assagioli R. Psicossíntese: manual de princípios e técnicas. São Paulo: Cultrix; 1998.
8. Assagioli R. Ser Transpersonal. Madri, Espanha: Gaia; 1993.
9. Rogers C. Em Busca de Vida: da Terapia Centrada no Cliente à Abordagem Centrada na Pessoa. São Paulo: Summus; 1983.
10. Rogers C. Um Jeito de Ser. São Paulo: EPU; 1983.
11. Wilber K. O Espectro da Consciência. São Paulo: Cultrix; 2001.
12. Crema R. Antigos e Novos Terapeutas: Abordagem Transdisciplinar em Terapia. Rio de Janeiro: Vozes; 2002.
13. Crema R. Saúde e Plenitude: um Caminho para o Ser. São Paulo: Summus; 1995.
14. Leloup JY, Hennezel M. A Arte de Morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade. Petrópolis: Vozes; 1999.

15. Macieira RC. O Sentido da Vida na Experiência de Morte. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
 16. Macieira R, organizador. Despertando a Cura: Do Brincar ao Sonhar – Aspectos Psíquicos e Espirituais da Cura Existencial. São Paulo: Livro Pleno; 2004.
 17. Leloup JY. Cuidar do ser: Fílon e os Terapeutas de Alexandria. Petrópolis: Vozes; 1998.
 18. Wilber K. O Projeto Atman: uma Visão Transpessoal do Desenvolvimento Humano. São Paulo: Cultrix; 1999.
 19. Vaughan F. Novas dimensões da cura espiritual. São Paulo: Cultrix; 1997.
 20. Weil P. A Arte de Viver a Vida. Brasília: Letrativa, Brasília; 1998.
 21. Weil P, organizador. Experiência Cósmica e Psicose. Petrópolis, RJ: Vozes; 1991.
 22. Weil P. A Consciência Cósmica. Rio de Janeiro: Vozes; 1992.
 23. Weil P. Mística e Ciência: Pequeno Tratado de Psicologia Transpessoal. Rio de Janeiro: Vozes; 1994.
 24. Dahlker R. A Doença Como Linguagem da Alma. São Paulo: Cultrix; 2001.
 25. Grof S. Além do Cérebro. São Paulo: McGraw-Hill; 1988.
 26. Grof S. Psicologia do futuro. São Paulo: Atheneu; 1995.
-

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- Capra F. O Ponto de Mutação. São Paulo: Cultrix; 1986.
- Carlson R, Shield B. Curar, Curar-se. São Paulo: Cultrix; 1997.
- Kübler-Ross E. A Roda da Vida: Memórias do Viver e do Morrer. São Paulo: Sextante; 1999.
- Leloup JY. Caminhos da Realização: dos medos do eu ao mergulho no ser. Petrópolis, RJ: Vozes; 1999.
- Maslow A. El hombre Autorealizado. Barcelona: Kairós; 1990.
- Saldanha V. A psicoterapia transpessoal. 2a ed. São Paulo: Rosa dos Tempos; 1999.
- Teixeira EFB, Müller M, Silva JDT, organizadores. Espiritualidade e Qualidade de Vida. Porto Alegre, RS: Edipucrs; 2003.
- White J, organizador. O Mais Elevado Estado de Consciência. São Paulo: Cultrix/Pensamento; 1993.
- Wilber K. Transformações da Consciência. São Paulo: Cultrix; 1999.
-

*Recebido em 30 de junho de 2010
Aprovado em 23 de agosto de 2010*